

ARTES CÊNICAS

Bê-á-bá Brasil, novo espetáculo do Oficina Multimídia, mantém proposta de pesquisa do grupo. Cenário traz signos em permanente tensão entre o que mostram e o que significam

Contradições da cultura BRASILEIRA

MARCELLO CASTILHO AVELLAR

Ao se apresentar no Teatro Francisco Nunes, o espetáculo *Bê-á-bá Brasil*, do Grupo Oficina Multimídia, começava com uma das imagens mais estranhas que os palcos mineiros viram nos últimos anos. No palco, uma parafernália de objetos, dispostos de maneira aparentemente caótica e iluminados com luz difusa. Pairando sobre eles, os intérpretes do grupo, em simulacros de trapézios. Abertas, as portas laterais do teatro e o portão de serviço no fundo do palco incorporavam à cena o Parque Municipal, as luzes noturnas, o vento frio que vinha de fora. "Fantasmagórico" seria uma boa palavra para tentar resumir o conjunto. A mudança de teatro para as apresentações desta semana vai privar o público desse quadro. Mas é provável que não haja perdas. Afinal, por mais magnífica que aquela imagem inicial fosse, ela era apenas a síntese do que o espectador veria logo depois.

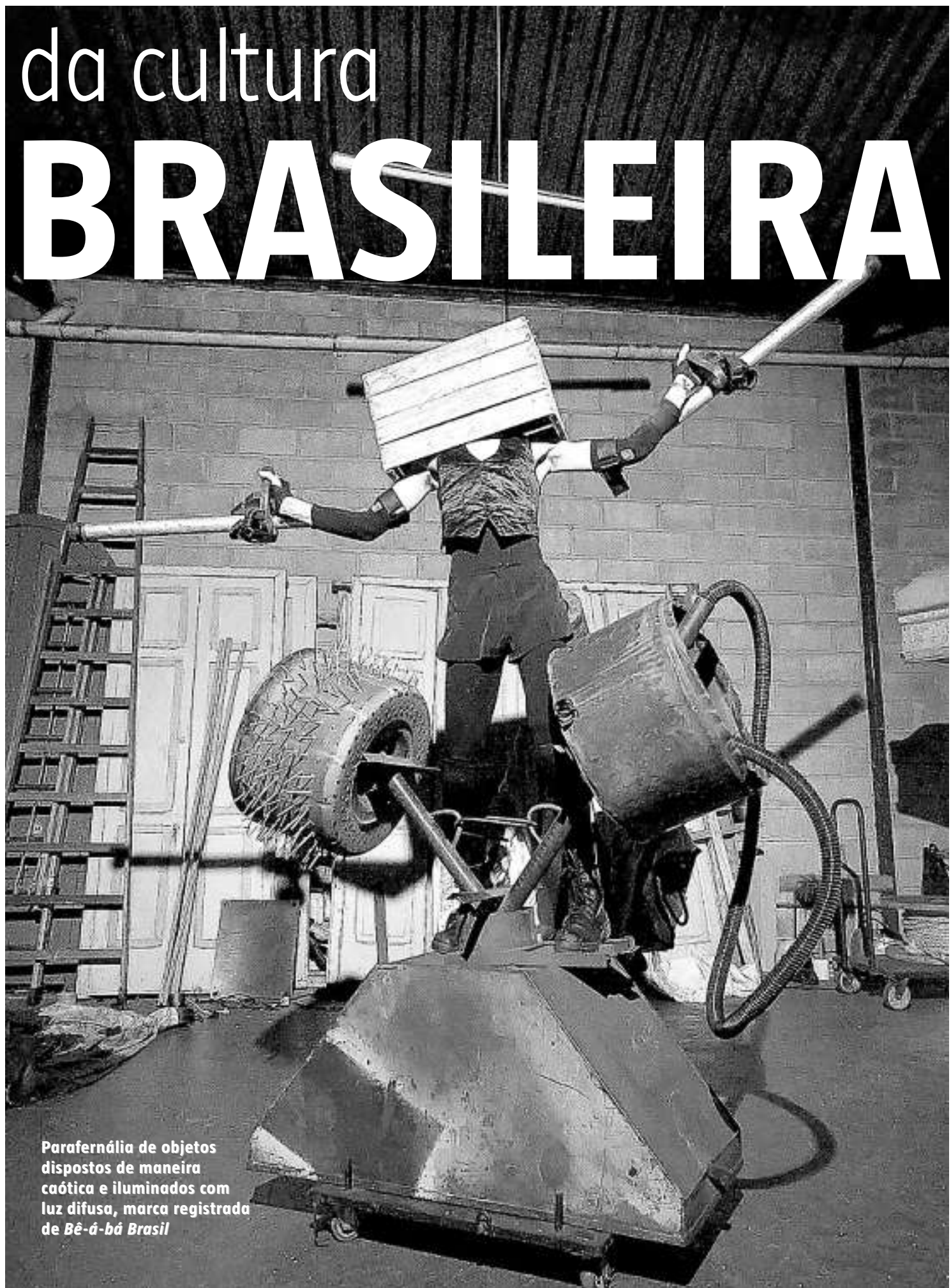
Bê-á-bá Brasil tem boas chances de estar dividindo as opiniões do público que aprecia o trabalho do Oficina Multimídia. A divisão deve ocorrer em torno das múltiplas interpretações dadas a uma palavra que sempre esteve no DNA do grupo, "pesquisa". Para muitos, ela significa, necessariamente, a investigação de algo completamente novo em termos de linguagem – o que teria, como consequência, certo hermetismo. A idéia de hermetismo, frequentemente interpretada pelos leigos em sentido pejorativo, de obra que não se comunica, pode ser vista de outra maneira: um estado de mistério permanente do discurso, que convida seu receptor a investigar por si mesmo os caminhos que poderiam levar a uma compreensão do próprio discurso. O Oficina Multimídia gosta de autores herméticos (como James Joyce), e ao longo de sua trajetória realizou diversos espetáculos herméticos (como *Alicinações*). Há, contudo, outro caminho para a pesquisa: a investigação de novas combinações, novos usos para signos já existentes. Esse pode ter sido o percurso rumo a *Bê-á-bá Brasil* e o espetáculo anterior da companhia, *A acusação*.

Os dois caminhos da pesquisa não excluem a possibilidade de territórios em comum. O hermetismo é um jogo, a relação com ele, então, se mostra necessariamente lúdica. A busca de combinações também é um jogo, mas um jogo diferente. No centro do primeiro está o quebra-cabeças – formar uma imagem completa a partir de elementos aparentemente distintos e distantes. *Bê-á-bá Brasil* brinca com algo distinto: pressupõe nosso reconhecimento dos signos de que se apropria, opera caleidoscopicamente sobre eles. O desconforto de parte dos fãs pode estar numa hierarquia presente na cabeça dos espectadores de espetáculos de pesquisa: o quebra-cabeças seria mais importante que o caleidoscópio.

Ou mais criativo. Ou mais legítimo. A associação entre a comunicação fácil com o público e a cultura de massas transformaria o caleidoscópio em instrumento disfarçado da última, enquanto o hermetismo constituiria ato de resistência cultural.

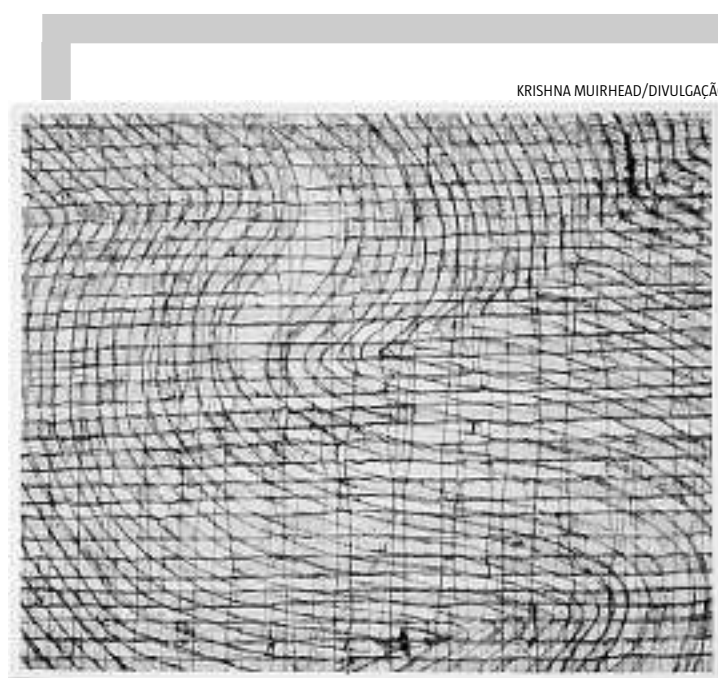
SATURAÇÃO Ironicamente, o próprio objetivo de *Bê-á-bá Brasil* transcende esse debate. O espetáculo foi criado numa tentativa de definir cenicamente as contradições da cultura brasileira. A lógica dessas contradições, o que os modernistas tão amados pelo Grupo Oficina Multimídia e volta e meia citados no espetáculo, é a antropofagia, mais aparentada ao caleidoscópio que ao quebra-cabeças. Caleidoscópio é um conjunto de objetos já existentes e espelhos que os combinam em imagens novas, que não poderão jamais ser repetidas; antropofagia é o aglomerado de elementos culturais já existentes e dos processos de miscigenação, amalgamação, contradição deles, produzindo novos objetos que subvertem o sentido dos antigos.

Bê-á-bá Brasil funda-se nesse processo e apresenta ao público, ao mesmo tempo, o resultado dele e o próprio processo. O palco é saturado de objetos em disposição aparentemente caótica, mas pode a qualquer momento ser esvaziado por ações completamente organizadas. A trilha é saturada de sons, mas volta e meia se organiza de maneiras que reconhecemos. A voz dos intérpretes recusa a palavra, mas ao fazê-lo adquire outra expressão, primitiva e poderosa. Os três processos caminham no rumo da alegoria. Pode ser o mundo entrando dentro do teatro pelas portas abertas, ou ocupando todo o palco num globo gigantesco, ou as velas que evocam os navios portugueses, ou dúzias de outras imagens. Uma cultura de contradições não pode ser expressa senão por signos que mantêm permanente tensão entre o que mostram e o que significam.



Parafernália de objetos dispostos de maneira caótica e iluminados com luz difusa, marca registrada de *Bê-á-bá Brasil*

GUTO MUNIZ/DIVULGAÇÃO



KRISHNA MUIRHEAD/DIVULGAÇÃO

As aquarelas de Marcelino Peixoto trazem percepção de "pequenas fatias do mundo"

ARTES VISUAIS

Investigação quase ARQUEOLÓGICA

Arqueologia é o título da exposição que Marcelino Peixoto abre hoje, às 19h, na Galeria de Arte da Copasa. Ele mostra 11 aquarelas de grande formato. São imagens criadas a partir de tramas sobre superfície com manchas, escorrimento de tintas etc. O artista pinta como que mapeando desequilíbrios, acidentados, "o que não é apolíneo e traz percepção de pequenas fatias do mundo", diz. São peças que evocam, ainda, a passagem do tempo, a existência do corpo, o gesto humano e a enunciação das coisas.

Os trabalhos da mostra surgiram de outros, realizados com o mesmo procedimento, sobre parede, chão ou outros espaços, esquadrihando ranhuras, marcas, rachaduras, buracos. Ação que, explica Marcelino, remete ao demarcar, sitiar, compondo investigação quase arqueológica. "É imagem que não diz nada, mas instaura algo a dizer", afirma o artista. "O que me move é a felicidade de construção de sentido para a existência", afirma o autor, lembrando-se de prazerosas e concentradas investidas sobre a folha de papel.

"São imagens que, para ser realizadas, consomem um tem-

po que acaba plasmado nelas", revela Marcelino, contabilizando mais de um mês gasto em cada uma. Para ele, os trabalhos se aproximam de música instrumental e dissonante. "Não são exercícios de boa pintura, mas questões de um homem adulto, embora uma criança, um erê, grite dentro de mim", fala com bom humor. Motivo de encantamento tem sido a observação do poder da cor, que traz beleza ao que é drama e até trauma.

Marcelino Peixoto é de Alvarenga (MG) e tem 36 anos. É formado em pintura pela Escola de Belas Artes da UFMG, fez mestrado e foi professor substituto na mesma instituição. Mas avisa: "Cansei da vida acadêmica". A frase breve é para avisar que anda querendo se dedicar exclusivamente à carreira. Não esconde que o contato, na oficina Pintura além da pintura do Centro de Experimentação e Informação em Arte (C.E.I.A.), com artistas que "tocam a vida fazendo arte e não amparados no ensino de arte", mexeu com ele. Junto com Viviane Gandra forma o Xepa – Coletivo de Estudo Disso Tudo, que participa de mostra do Projeto Párrisbras, em Córdoba (Espanha).

ARQUEOLOGIA

Mostra de aquarelas de Marcelino Peixoto. Abertura hoje, às 19h, na Galeria de Arte da Copasa, Rua Mar de Espanha, 525, Santo Antônio, (31) 3250-2232. Entrada franca. Aberta diariamente, das 8h às 18h. Até 12 de agosto.

BÊ-Á-BÁ BRASIL

Espectáculo do Grupo Oficina Multimídia, com direção de Ione de Medeiros. De hoje a domingo, às 20h, no Odeon Espaço Cultural, Rua Tenente Brito Melo, 254, Barro Preto, (31) 3295-4264. Ingressos: R\$ 14.

TEATRO ALTEROSA

apresenta:

ESPECTÁCULO ADULTO



"Pérolas do Tejo"
com Carlos Nunes.
12 a 15 de julho.
Quinta a sábado, às 21h.
Domingo, às 19h.
Classificação: 12 anos.

9ª Peça
Bis

As melhores peças a
preços populares!



"Gaia"
13 a 15 de julho.
Sexta a Domingo, às 16h30.
Classificação: livre.

ESPECTÁCULO INFANTIL

Apoio

ESTADO DE MINAS

diário da tarde

GUARANI 965

ARQUIVADO

TEATRO

ESTADO DE MINAS

Venda de Ingressos:
Bilheteria do Teatro Alterosa, de 12h às 19h30,
Posto do Sinparc e www.comticket.com.br.
Não será permitida a entrada após o início do espetáculo.

TEATRO ALTEROSA - Av. Assis Chateaubriand, 499 Floresta 3237-6611